

PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: VIDAS E FORMAÇÕES*

Maysa dos Santos Bacelar¹; Poliana Marina Mascarenhas de Santana Magalhães³

1. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia

Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: maysabacelar@hotmail.com

3. Orientadora. Mestre e Doutoranda em Educação e Contemporaneidade/UNEB.

Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: polianamms@gmail.com

RESUMO

O texto refere-se ao projeto de pesquisa monográfica intitulado “Trajetórias formativas de coordenadores pedagógicos do município de Amélia Rodrigues/Bahia”, que objetiva conhecer os percursos formativos dos coordenadores pedagógicos de Amélia Rodrigues, identificando os aspectos de vida, escolarização, formação e profissão que foram relevantes para a construção de sua identidade profissional. A pesquisa é (Auto)Biográfica, pois os sujeitos rememoram, narram e refletem sobre experiências, conhecimentos, caminhos e as tantas histórias que constituem sua trajetória de vida e formação. As histórias de vida e formação são recolhidas através de entrevista narrativa. Apresentamos parte dos achados bibliográficos que ajudam a compor as histórias desveladas pelos participantes da pesquisa (Christov, 2001; Delory-Momberger, 2011; Domingues, 2009; Moita 2000, Nóvoa 1992; Placco, 2010; Placco e Souza, 2010 e Souza, 2006). Os dados reafirmam a pesquisa (Auto)Biográfica como possibilidade de desvelamento das tantas histórias existentes por detrás das trajetórias formativas dos coordenadores pedagógicos de Amélia Rodrigues/BA.

Palavras-chave: (Auto)Biografia. Formação. Coordenação Pedagógica.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Este texto se refere ao projeto de pesquisa monográfica intitulado “*Trajetórias Formativas de Coordenadores Pedagógicos do Município de Amélia Rodrigues/Bahia*”. A pesquisa supracitada encontra-se em andamento e objetiva conhecer os percursos formativos dos coordenadores pedagógicos do município de Amélia Rodrigues, identificando os aspectos de vida, escolarização, formação e profissão que foram relevantes para a construção de sua identidade profissional e justifica-se pela necessidade de aprofundar os estudos acadêmicos sobre a formação do coordenador

*Trabalho referente a projeto de pesquisa monográfica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana.

pedagógico, no âmbito da pesquisa (Auto)Biográfica, que vem se constituindo como uma importante possibilidade de investigação dos processos de vida e formação a partir do sujeito que se forma e se narra.

Aqui, compartilhamos parte dos achados bibliográficos que nos ajudam a compor as histórias desveladas pelos participantes da pesquisa e que (re)afirmam a pesquisa (Auto)Biográfica como potencialidade de escuta às tantas vozes que precisam ser ouvidas. Assim, a respeito da coordenação pedagógica, dialogamos com Christov (2001), Domingues (2009), Placco (2010) e Placco e Souza (2010) e, a respeito da (Auto)Biografia, processos formativos e construção do “eu” pessoal, social e profissional, com Delory-Momberger (2011), Moita (2000), Nóvoa (1992) e Souza (2006).

O CAMINHO

Trata-se de uma pesquisa (Auto)Biográfica, em que os sujeitos podem rememorar, narrar e refletir sobre os fatos, experiências, momentos, pessoas, conhecimentos, os caminhos e as tantas histórias que constituem a sua trajetória de vida formação pessoal, social e profissional. Este tipo de pesquisa, de acordo com Chizzotti (2005), integra a abordagem qualitativa, que propõe o rompimento com a lógica positivista de pesquisa, permitindo uma relação mais dinâmica entre o pesquisador, os sujeitos e o objeto da pesquisa. As histórias de vida e formação dos coordenadores são recolhidas através de entrevista narrativa, que se configura como entrevista não estruturada, em que o sujeito que se narra tem a liberdade de decidir o que é relevante de ser contado acerca de sua trajetória.

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E TRAJETÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÕES

Hoje, concebemos o coordenador pedagógico como gestor do Projeto Político Pedagógico da escola, que deve se preocupar, principalmente, com a formação dos professores. Nesse sentido, para Placco e Souza (2010, p.48), como o próprio nome diz, coordenar “implica articular vários pontos de vista ou atividades em direção a um objetivo comum, que, neste caso, equivale a práticas mais efetivas e melhor qualidade do ensino e da aprendizagem”. Contudo, reconhecemos também, que no cotidiano escolar esse papel é reconfigurado visto que, historicamente, a função de coordenação pedagógica é marcada por instabilidade identitária, autoritarismo, fiscalização e fragilidade de formação. Por isso, faz-se necessário que esses sujeitos pensem sobre a sua própria formação.

Pesquisas como a coordenada por Placco (2010) revelam que, para os coordenadores, sua formação universitária não os preparou como deveria para atuar na função. Arrematando esta constatação, Christov (2001) levanta a hipótese de que os coordenadores pedagógicos não reconhecem a formação inicial como principal lócus de formação porque eles não se implicam na construção dessa formação, são apenas ouvintes de aulas engessadas. Em sua tese, Domingues (2009) também sinaliza que a formação inicial ainda é um problema para a atuação do coordenador, que tem que se implicar em outros meios e processos de formação, como participação em cursos de formação contínua e trocas de experiências com outros coordenadores, por exemplo.

Esses dados revelam que a formação não acontece apenas em um único espaço ou em um único momento. O formar-se é trajetória. E nas trajetórias são assim, a gente passa por diversos caminhos, encontra diferentes pessoas, deixando com elas um pouco de nós e levando conosco um pouco delas, e construindo diferentes aprendizagens e sentimentos. Isso vai formando o “eu” pessoal, profissional e social. Assim, para Nóvoa (1992, p. 13), “a formação não se constroi por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim através de um trabalho ou flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade”.

A formação, então, acontece ao longo da vida. Por isso, existem “formações”, uma vez que cada sujeito é único, constroi-se de forma diferente, implicam-se de maneiras diversas, dão significados diversos às aprendizagens, ainda que estejam em espaços iguais. Nesse caso, a compreensão de formação não pode desconsiderar seu caráter subjetivo, de trajetória pessoal. Por isso, segundo Moita (2000, p. 115),

Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de vida é, assim um percurso de formação. [...] o processo de formação de formação pode considerar a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa. Processo em que cada pessoa, permanecendo ela própria e reconhecendo-se a mesma ao longo da sua história, se forma e se transforma, em interação.

Nesta perspectiva, o processo formativo está diretamente ligado ao processo de construção identitária. As relações que estabeleço com os conhecimentos, as interações com os diversos grupos e meios sociais, as experiências que vivo nos diversos percursos que faço ao longo da vida, as leituras e conversas, a reflexão sobre minhas próprias práticas, vão me formando e, constantemente, me transformando no que sou pessoal, social e profissionalmente.

Segundo Moita (2000), as histórias de vida são reveladoras dos encontros e desencontros da formação pessoal, social e profissional. De acordo com Souza (2006, p. 27),

A utilização do termo História de Vida corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva.

Por ser um termo genérico, a história de vida, engloba também a abordagem (auto)biográfica. A (auto)biografia caracteriza-se como uma narrativa da vida do próprio sujeito que narra, sem que seja necessária a intervenção de outras pessoas. Segundo Souza (2006, p. 25),

É forte o seu interesse pelo cotidiano, pelo pessoal, privado, familiar e suas representações e apropriações, seja na história da educação seja em outros campos educacionais, a partir do estudo da história do currículo, das reformas educativas, das práticas docentes. Desta forma, compreende-se que a sua utilização na área de formação faz referência a uma outra lógica da formação do adulto, a partir dos saberes tácitos ou experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metarreflexão do conhecimento de si.

As (Auto)Biografias permitem, então, a escuta sensível daqueles que fizeram e fazem educação, nos permitindo conhecer suas memórias e compreender como elas pensam suas trajetórias de vida e formação. Corroborando esta ideia, Delory-Momberger (2011, p.49), afirma que “a partir da narrativa pessoal, a corrente das histórias de vida traduz e transpõe no domínio da formação um processo mais geral, que é aquele da maneira pela qual os indivíduos se apropriam do mundo histórico, social, cultural no qual eles vivem”.

Essas palavras de Souza (2006) e Delory-Momberger (2011), revelam duas grandes influências da (Auto)Biografia: Escola de Chicago e Fenomenologia. Da primeira incorporou a concepção de que as pessoas incorporam comportamentos de grupos e agem de acordo com as suas concepções. Isso nos mostra o quanto as interações sociais têm um caráter formador e nos permite reconhecer o quanto do outro tem em nós e na nossa forma de agir. E da segunda incorporou o caráter da subjetividade, entendendo que o sujeito precisa superar as aparências para que revele sua verdadeira essência. No caso da abordagem (auto)biográfica, isso acontece através da evocação de memórias. Elas revelam quem realmente somos. Quando narra a sua trajetória de vida e formação o narrador se permite recordar o passado, compreender o presente e projetar o futuro. Ou seja, o uso da memória traz a tona sentimentos, histórias, momentos, experiências e caminhos que outras fontes não são capazes de desvelar. E nessa trajetória de memórias, encontros/desencontros e experiências formativas, a (Auto)Biografia vem se consolidando como uma possibilidade de refletir sobre nós, sobre os outros e sobre nossas andanças.

PARA FIXAR A DISCUSSÃO

Conforme afirma Nóvoa (2000, p. 18), a emergência da (Auto)Biografia no campo científico é uma “mutação cultural” que “faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído”. De fato, ainda que venha sendo alvo de muitas críticas nesse campo científico, o movimento (Auto)Biográfico, principalmente no campo educacional, tem sinalizado a importância da necessidade de tomarmos consciência do nosso próprio processo formativo, reconhecendo nas memórias um potencial formador. Assim, reconhecemos que uma pesquisa (Auto)Biografia é capaz de desvelar as tantas histórias existentes por detrás das trajetórias formativas dos coordenadores pedagógicos do município de Amélia Rodrigues/BA, para a partir daí analisarmos como esses coordenadores se formam coordenadores.

REFERÊNCIAS

- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **Sabedorias do coordenador pedagógico: enredos do interpessoal e de (cons)ciências na escola**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Departamento de Psicologia da Educação. São Paulo, 2001. 162 p.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Os desafios da pesquisa biográfica em educação**. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). *Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- DOMINGUES, Isaneide. **A Coordenação Pedagógica, Uma Trajetória Profissional Em Construção**. In.: DOMINGUES, Isaneide. *O Coordenador Pedagógico e o Desafio da Formação Contínua do Docente na Escola*. Tese de Doutorado. FEUSP/USP. São Paulo, 2009. 235p.
- MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de Formação e Trans-formação**. In.: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 2000.
- NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. In.: Repositório da Universidade de Lisboa/Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. 1992. Disponível em [HTTP://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758](http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758) acesso em 18 de Abril de 2016.
- NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e as histórias da sua vida**. In.: NÓVOA, A. *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 2000.
- PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. **Diferentes aprendizagens do coordenador pedagógico**. In.: ALMEIDA, L. R. de.; PLACCO, V. M. N. de S. *O coordenador pedagógico e o atendimento à diversidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). **O coordenador pedagógico (CP) e a formação de professores: intenções, tensões e contradições**. São Paulo: Fundação Victor Civita. 2010. Disponível em <http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/2010/perfil-coordenadores-pedagogicos-605038.shtml> acesso em 30 de Dezembro de 2015.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida e formação**. In.: *Rev. Educação em Questão*, Natal, v.25, p.22-39, Jan./Abr. 2006.